

VOA
MINHA VIDA
VOA!

*Poemas
com asas
entre
palavras
e perguntas*



*Carlos
Rodrigues
Brandão*

eu, gente

Uma ave qualquer
é uma pessoa
que anda como nós
e ainda voa.

Eu, gente,
só posso caminhar,
enquanto uma ave
pequenina, como eu
caminha pelo chão,
e voa pelo ar.

Mas, eu penso,
e com o meu pensar
a minha vida, voa
voa, minha vida, voa
Mas alto do que o alto
até onde a ave que voa
consegue voar.

lá... aqui

Havia um vento.
E ele ventava *lá*,
Longe *daqui*.
Mas o vento
que ventava
ventava *aqui*
pra quem está *lá*?

A noite inteira
ventou um vento
que veio de longe
e de manhã
ventava *lá*
longe *daqui*.

E veio o dia
e veio o sol da manhã
e veio depois a chuva.
E o vento de longe
que ventava *lá*
veio de *lá* voando
e agora ele venta *aqui*.

E um menino de *lá*

de onde ventou o vento
antes de ventar *aqui*,
pensava agora e repensava:
Será que está ventando *lá*
o vento que ainda ontem
de noite ventava *aqui*?

assim... a toa

Sobrevoa a ave
e voa e alto avoa
no ar que se move
e no vento que ressoa.
E outras aves chegam
e no ar se voam.
E o vento de junho
Todo inteiro se povoa
desse sereno revoar
no vento, no ar:
assim... a toa.

uma ave voa

Em cada andar
que há no ar
uma ave voa
entre o chão da terra
e o céu azul.

No mais baixo
voa o colibri.
no do meio
Voa o sabiá
e no mais alto
revoa o urubu.

a rara ave

Rara arara
arara rara
vem de longe
e o voo para
e assenta a asa
na galhada
da amoreira
lá na beira
da poeira
de uma estrada

Arara rara
rara arara
sua asa, arara
(coisa rara)
faz uma sombra
amarela
cor de fada
na aguada
do rio manso
onde nada
sozinha
a piapara

um vaga-lume

Sobrou da noite
quando ela se foi
todo aceso
um vaga-lume.
O seu pequeno lume
e a sua pobre luz
ajudam o dia
a ser mais claro
com o seu breve clarão
que de dia
ainda reluz.

vagava o vaga-lume

Vagava o vaga-lume
e vagamente
o claro da noite
clareava.

E do alto
a lua que chegava
e branqueava
a noite,
de repente,
do alto olhava
o lume da luz
do vaga-lume:
a luz que era dele
e era sua
e clareava
toda a terra
e toda a lua.

Um pirilampo

O pio do pirilampo
é o seu brilho.
É a clara luz
da pequenina lareira
que ele acende
quando canta,
e em silêncio
clareia a escuridão
da noite inteira.

as aves, o vento

Um bando de andorinhas
voa ao vento.
Voam elas, andorinhas?
ou voa o vento
que no voo delas voava
que no voo delas vinha?



voar por um momento

Passa lá fora o vento
e ele move as folhas,
e as folhas caem
do alto dos galhos
de uma alta árvore.
Soltas, voam as folhas
para por um momento
livres como o vento,
voarem com o vento.

o vento, o moinho

Move o vento
as asas do moinho.
Quem vê o vento
quando o vento voa?
Só nas quatro asas
do moinho se movendo
é que se vê o vento
ora breve, ora lento,
pelo ar, em seu caminho.

sonharara

Era noite alta
e eu sonhara
no buraco do sono
na taquara do sonho
que eu voava no voo
do azul de uma arara.
Era noite e eu voava
eu voava e voava
de uma estrela até outra.
E o dia chegou
como sol que chegava.
E acordei de meu sonho
como arara que sonha
e sonhando acordara.
E agora não sei
se sou eu... ou arara.

o voo e o dia

Saindo do toco
e do oco do ninho
a arara se toca
e espia... e espia.
E do alto do galho
(coisa rara em arara)
ela silencia
E no galho arma o voo
com que outro dia
principia.

sem pressa

Vem a hora
em que quem
se apressa
mais demora,
e quem chega
sem pressa
vem depressa
e vai-se embora.
E fica fora
quem estava dentro
e vem pra dentro
quem estava fora.

a cor do carinho

Pintava de preto
e de amarelo
a mãe-pintassilga
o seu pintassilguinho.
E depois de pintado
ele era belo,
colorido de cor
e de carinho.

outro voo de folha

Voando na poeira
veio com o vento
a folha seca da figueira.

Com o vento que venta
voa a folha da figueira
que ainda agora era folha
e agora desfolha a figueira
e o voo do vento
voa até cair no chão.

Caída no chão
depois de ser folha
depois de ser ave
voando pelo ar
sonha a folha seca
cair na terra e murchar.
E ser na terra a terra
e muitos dias depois
a semente de outra árvore
na terra fazer desabrochar.

o sonho do antes

Eu queria
ser *antes*
disse o *agora!*
E sonho tanto
ter que lembrar
quem eu sou
a toda a hora.
E sofro tanto
o ter que ser
sempre e só o *já,*
de um presente
sem *antes*
e nem *depois.*
Um depois de agora
e depois de saber
o que é? quem sou eu?
eu queria aprender
o que ainda não é
e o que já foi!

a pressa do tempo

Depressa!
Grita o hoje,
não demora!
E de longe
o amanhã
responde calmo:
quem me chama
se eu nem existo
agora?
Enquanto
mais longe
o ontem chora.
Já esqueceram
de mim os dois
porque eu já era.
Fui hoje, passei
e fui embora!

Uma menina

Era bela
ou era ela
o que e quem?
Aquela menina
magrinha
vestida de saia
amarela
com uma flor
na lapela
olhando você
da janela
e dizendo:
sou Isabela?

a luz de Luzia

De luz luzia Luzia
e clareava o claro
do luzir do dia.
E de si pra si
dizia Luzia
que luzia:
*de onde vem
esta clara luz
tão branca e fria?
É a luz do dia
que me aclara agora
ou é luz de mim
que clareia o dia
e acende a aurora?*

o que houve? o que há?

O que havia
na floresta,
e o que resta
e o que há,
quando acaba
de cantar
um sabiá?

devagar

A tartaruga
se vai por aí
de-va-ga-ri-nho
como se fosse ela
o seu ca-mi-nho.

Chuva de ouro

Amarrei amarelinha
uma florada amarela.
Botei num vaso de barro
e pendurei na janela.
Veio a chuva miudinha
choveu toda a madrugada
e molhou meu ramalhete
e o vaso que era dela.
Choveu chuva noite e meia
e com o vento que veio
(um vento de longe e frio)
choveu ouro na calçada
e em quem passava nela.
Choveu ouro a noite inteira,
e cobriu-se o mundo de flores
Mas quem veio?
Mas quem viu?

aprender e saber

Aprendi a saber ler
para ler o que aprendia.
Mas antes de saber
as mil palavras que eu lia
quanta coisa eu já sabia
fora as tantas que eu invento!

Pois antes de ler palavras
eu lia as flores e abelhas
lia nuvens, passarinhos
e voava com o vento
com as asas da poesia.

O sol, o céu e o mar eu lia
e os riachos e os amigos
entre os bichos as crianças
com quem brincava e corria.
Travessia, travessura
tudo o que lendo eu vivia
quanto lia o mundo
e do mundo eu lia a vida
e com a vida... aprendia.

tudo? todo?

E o todo de tudo
(de tudo o que existe)
é o tudo do todo?
Então nada é ninguém
se ninguém é o nada?
E se atrás de um ninguém
há um alguém... também?

por que?

Por que? Por que?
Sente o laranja
quase a inveja
do ouro que brilha
de cor amarela
em uma flor de Ipê?

a noite? o dia?

Era noite
quando foi-se o dia
e a noite
veio agora.
É noite ainda
ou já é dia
quando a noite
vai embora?

o sentir e o pensar

Às vezes
sentir o sentimento
é tanto e tanto
em um só instante,
que parar e pensar
o pensamento
é como deixar de sentir
o que se sente
para medir com as horas
e os minutos e segundos
do que você vive e sente
dentro da breve aventura
do voo de um momento.

O pensar e o sentir

Havia um dia um pensamento
que de tanto ser pensado
esqueceu o dicionário
de todas as palavras que sabia.
E ele então se pensou sem elas
e ao se pensar sem nada que se fale
parou de repente o tempo que passava
e aprendeu a sentir o que pensava
e aprendeu a pensar o que sentia.

outra vez?

Esqueci
o que ontem
eu vivi.
E amanhã, talvez,
será que vou
esquecer de novo
o que eu vivo, agora,
outra vez?

na neve

Espanto.
No fim do inverno
sobre a neve
a folha seca
é só o que vive.

Quando eu me encontro

Eu só me ouço
quando te escuto.
Eu só me vejo
se te contemplo
amigo, amigo.

Eu só me sei
quando te sei
e só entrevejo
o ser que eu sou
quando me dizes,
quando me falas
o que de mim sabes
e eu não sei.

Eu não me penso
quando me penso,
e só me penso
quando me pensas.
Quando eu te penso
para sabermos
quem somos nós.

Tu só te ouves
se te contemplo
e se te contemplo
é quando te vês.

Tu só te sabes
quando de mim sabes
o que aprendes,
e só compreendes
o ser que és
quando eu te digo
o que te sei.

E assim sendo, nós
só nos sabemos
nos vemos
no olhar do outro,
quando escutamos
do outro a voz.

a noite do dia

Até quando a noite
não chegar com a noite
vamos dar as mãos
e brincar de dia
enquanto for dia...

E se a noite souber
que estamos brincando
talvez ela tarde
no finzinho da tarde
em escurecer a tarde
e acabar com o dia.

Talvez ela queira
(a noite menina)
brincar de ser dia
na hora da tarde
em que a tarde acaba
e a boca da noite
engole outro dia

Mas enquanto é tarde
E a noite não veio
brinquemos de dia
até quando a noite
com o dia se abraça
e apague da tarde
a luz que havia.

E então venha a noite
que é o escuro do dia
e que a noite anoiteça
até quando a noite
da noite se canse
e o céu se clareie,
e de novo, outra vez
seja um outro dia.

o medo do medo

A medo é manso.
Não tenha medo dele!
Não tenha medo,
mesmo que o seu cabelo
na frente do medo
fique todo em pé

O medo é manso!
E quem conhece ele
diz que no fundo o medo
tem medo do medo
e da gente, até.

O medo é manso
E nele eu nem penso
Quando penso no medo
sem medo do medo
e de medo nem tremo.

O medo é manso
e quando ele não vem
eu sem medo canto.
E quando ele chega
eu de medo ... danço?

uma moça só

Era uma vez uma moça
chamada: *Eraumavez*.
Como no nome dela
tudo na vida breve
da moça *Eraumavez*
aconteceu só uma vez:
de uma vez só!

Nasceu em um dia.
Em um dia só!
E dentro de um dia
viveu de uma vez
toda a vida inteira
de *Eraumavez*
Uma vida só!

Nasceu e cresceu
estudou, aprendeu
namorou e casou
e teve uma filha,
uma filha só!

Viuvou, ficou velha
uma velha feliz
de um sorriso só.
E então morreu
em silêncio e só.

E *Eraumavez*
partiu, foi embora
de uma vez só
vestida de branco
sorrindo, sorrindo,
sem pena e nem dó.

aula da aranha

Tem coisa que você
lembra
e coisa de que
se esquece.
Então me diga
depressa:
a aranha,
a teia dela
ela costura
ou tece?

Tem coisa
que você sabe,
e tem coisa
que ignora.
Agora me diga logo
onde é que a toupeira
mora?

E serena se ri

Gralha a gralha
do alto do galho
contente da vida,
vaidosa de si.
Enquanto no chão
sozinha a seriema
escuta e olha
e serena se ri.

A casa de barro

Venta e chove
forte agora
longe e aqui
o trovão troveja
e o raio incendeia
o céu da tarde.
Dentro de casa
nada teme
o João-de-Barro.

quem? quem!

Quem não disse
o que ninguém não ouviu?
Que, de tão sábio
falou o que é sem som
e, sem palavras,
passa com o vento?

Quem não escuta frases
E ouve o silêncio.
E, depois de lido,
esquece este poema?

Quem é fora do tempo
e inventa um tempo
em que o tempo
parou para se ouvir
e aprender que eterno
é só o que se sente,
e toda a eternidade
cabe em um momento?

o triste infinito

Taciturno e tristonho
o infinito se lamenta
e ele pensa assim:
“ah! como é triste
não ter começo...
e não ter fim!”



quando acordo eu penso

Sempre que eu sonho
quando acordo eu penso:
“isso é sonho ou sou eu?”
Se é um sonho... quem sonha?
Se sou eu... sou um sonho
E ele é um sonho meu?
É melhor eu dormir sem sonhar
se sou eu que me sonho
ou se o sonho sou eu.

a sombra e o nada

Sozinha de só
no meio do dia
de um dia bem claro
caminha no chão
a sombra de um cavalo
trotando pela estrada.

Veio a tarde
e veio a noite
e anoiteceu o dia
e escureceu a estrada
por onde o cavalo
ainda anda e trota.
E a sombra... nada.

Pios e cantos de quem pia e voa

um

Sozinho ele só pia
seu sofrer de ser só
lá no brejo, sozinho de só
pia triste um socó.
E ele pia e re-pia
E ele acha que o pio
já é quase um cantar.

dois

A saudade que tenho,
dizia a araponga
enquanto piava,
não é do que eu sou.
A saudade que eu trago
viajando comigo
é de lá de onde eu venho.
é de lá pra onde eu vou.

três

E enquanto ele pia
ele pia pensando
de-va-ga-ri-nho
no seu repensar:
porque pia tanto
e sozinho, e feliz
quando pia cantando
um sabiá?

tudo passa...

Traça quando anda pela praia
um caranguejo laranja
uma fina linha pela areia.
Virá depois de longe a onda
e levará ao mar o caranguejo
e apagará o fio de sua linha
antes do nascer da lua cheia.

quem vê? quem sente?

A lua,
quando passa de nova
pra crescente
quem para pra olhar?
E quem é que vê?
E quem é que sente?

a chuva e o sapo

Chove bravo no cerrado,
aguaceiro e trovoada.

E molhado da chuva,
do alto da pedra
perguntava o sapo
pra saporada assustada:

*Chove como sempre
e como sempre choveu
por aqui vida afora.*

*E se chove tanto
me digam agora:
o que é que há nisso
de errado?*

ver o verde

Verde é o mar
quando ele é verde.
Venha ver de verdade,
e de verde vestido,
como o mar é verde
tal como você
no meio da tarde
vestido de verde
como o verde-mar.
Como o verde-do-mar.

a onda e o mar

Uma onda e outra onda
e depois uma outra
e outra onda... ainda.
Ou é a mesma onda?
Uma onda e só ela.
Uma onda sem fim.
Um sem-fim e onda
chegando uma vez
e outra vez e mais outra
na areia da praia
à espera da onda
de um mar infinito.

palmas

Com as duas mãos
uma na outra
e a outra em uma
eu bato palmas.

O que eu ouço
quando bato palmas
com uma mão só,
ou com nenhuma?

Um pensamento esquecido

De tanto pensar
e se pensar pensando,
de tanto ser pensado
um pensamento
esqueceu uma manhã
todas as palavras que sabia.
E então, entre feliz e assustado
Ele se pensou em elas
e ao se pensar sem nada
descobriu que o pensar
é como uma casa grande
sem parede, sem teto e sem telhado
uma casa de portas só abertas
e de vento, de caminhos e janelas.

O já e o nunca

um

Sempre há,
quando o que houve
e o que houver
o que havia e o que haverá
é agora um... já!

dois

Havia antes?
Havia já?
o que houve um dia
e agora há?

três

O que havia
no que antes de haver
já existia?

quatro

De vez em quando
o que acontece
e vai haver
já aconteceu
antes de ser.

Pensando o pensar
(de novo)

Eu me canso de pensar
(sem porque nem pra que)
se o que eu pensei agora
eu pensei antes, já?
(sem saber o quê)
Se um dia já havia
em mim o que hoje há?
E quando não houver
o que existe agora
o que é que haverá?
(mas importa saber?)



quando eu calo

Eu mal não sei
o que eu digo
quando eu estudo
e quando eu falo.

Mas eu bem sei
(e vai comigo)
o que eu digo
quando eu me calo
e, então, me escuto.

Sabe quem é o grão de areia?

Acaso sabe o grão de areia,
menor do que um grão de arroz
menor do que um grão de aveia,
menor que a cabeça do alfinete
que ali, naquela praia
ele é todo o mar e toda a areia,
e é tudo o mais que existe.
E é a luz com que o sol
tudo aquece, tudo clareia?

debaixo da terra

É debaixo da terra
onde ninguém não vê nada
que a vida se esconde.

Silenciosa e serena
a terra vermelha
esconde a semente
da árvore que um dia
vai brotar numa manhã
Quem sabe quando?

quando amanhece

Como lençol, alva
a noite vai pra casa
e apaga a lua.
Voa uma pomba,
voam duas, três,
quatro, cinco e seis
e voando em bando
acordam a rua.

a festa na floresta

Cai do alto uma jaca
de um galho da jaqueira.
No chão molhado da chuva
a floresta se veste de janeiro
e de repente começa
um banquete de moscas
de formigas, borboletas
marimbondos e abelhas
e outros bichos da mata inteira

o topar da topeira

Saindo de tarde
do escuro da toca
com o claro do dia
a toupeira topa.

a pedra e o vento

Imóvel a floresta adormece
e acorda quando o vento vem.
E, leve, ele roça com o seu toque
tudo o que, imóvel, agora dança
e se move e dança com o vento.
E até o que era pedra
agora é vento também.

verde, seca

Choveu ontem
sobre a folha verde
e sob o sol que veio
a folha verde seca.
A água apressa
a cor da seca
na folha verde
e o tom da terra
na folha seca.

o vento, de novo

Venta o vento
nas folhas da figueira
e, ao movê-las
ele se vê no seu espelho.

Quando é o quê?

Quando é o quê?
E onde afinal?
E, mais: por que?
E de quem ele é?
(se é mesmo de alguém!)

Ele é seu? ele é meu?
Ou sendo somente
o que o nada esqueceu
ele é de ninguém?

outra vez?

Esqueci
o que ontem
eu vivi.
E amanhã, talvez,
será que vou
esquecer de novo
o que eu vivo, agora,
outra vez?

doce como o mel

Doce, quase como o mel
A amora avermelha a boca.
Fruta-tinta, ela colore
os meus dentes brancos.
Há frutas que deveriam
Ser comidas com pincel.

Quem? Quem!

Quem não disse
o que ninguém ouviu?
Quem, de tão sábio
falou o que é sem som
e sem palavras
passa com o vento?

Quem não escuta frases
e ouve o silêncio.
E, depois de lido,
esquece este poema?

Quem é fora do tempo
e inventa um tempo
em que o tempo
parou para se ouvir,
e aprender que eterno
é só o que se sente,
e toda a eternidade
cabe na metade
de um momento?

E o já não há!

Quem é hoje?
perguntou um tempo... antes.
Nada é agora! Ele falou
Ninguém é sempre!
O mundo é pouco
e o já não há!
Gritou o tempo e disse ainda:
E se houve um já é sempre antes
o que apenas parece ser agora!
E só se sonha o que já foi
e o amanhã, que não existe,
é só a nuvem da sombra
do dia de ante-ontem!

Nada foi... nem é

Meio antes de ser hora
o depois veio de longe
e como quem ainda nem chegou
ele parou e parado disse assim:

Nada foi e nem é!

(escutem isto!)

O agora e o ontem são só sonhos.

*Você acorda e o que há do que havia
enquanto um sonho em você adormecia
e sonhava que você acontecia.*

*Existe é o que não há e vai ser
quando chegar o tempo em que eu sou:
um sempre adiante! Sempre!*

*Existe o que se espera... como a festa
e o resto é fumaça de miragem:
como o espelho sem o rosto de quem olha
a imagem do corpo de quem veio.*

*E a espera de quem vem e ainda não é,
e olha adiante e acha que existiu
e olha adiante para achar que foi!*

E já era a hora...

Tudo é agora!

Bradou (agora) um já.

E mesmo o que eu disse: já não há!

Pois dito, já se foi e foi-se embora

pra algum lugar depois do longe

onde é só cinza o que um dia

foi madeira... agora.

Nem há o que vem, o logo, o amanhã,

a ilusão do que virá e não demora.

Mas se ainda não veio, não existe

e quem disse isto, existe acaso

e nem existe quem dirá o que não disse.

Pois há somente o instante do segundo

entre o que foi, e era e se acabou,

(e já era a hora)

e o que será e não é, e nunca é

pois quando chega... já é agora

e quando passa o agora, já não era

Ele disse, sabendo que nem ele existe.

Hora*uma outra*

Há uma hora
Sem nome
e sem medida
Em que tudo
o que se fala
Silencia.
É quando o rio
para de correr
E de dentro da casa
do silêncio
Uma criança brinca
de dizer: *já!*
E então o que nem era,
agora principia

O silêncio

Poesia, irmã
Que em mim caminhas.
Palavra que percorro
Quando me andas.
Palavras que percorro
Em trilhas minhas
E tão alheias, tanto
E tão vazias.

Poesia, voz
Que em mim calo
Quando escuto a falta
Do que falo
E em silêncio vejo
No rosto de uma folha
A tua ausência,
Que é quando te anuncias.

quando um dia nasce

A rã no brejo
se coça
e se coaxa.
Então
a noite apaga
o facho
e o dia nasce.

João Bá

um cantor menino com 83 anos

Duende e mago
menino e músico
baiano com ar de carioca
cantava pra manhã
às cinco horas
quando mal o sol nascia
no Sul de Minas.
Comia café com tapioca
solfejava ao Sol
em sol maior,
e em si silenciava
o céu do dia.

De longe, em lá
de lá se vinha.
E a quem partia
em fá falava “adeus”,
e em dó e ré
soletrava e repetia
as canções-macunaíma
que de noite ele inventava
e manhã cedo ele esquecia.

De repente parecia
que ia embora
Mas não se foi e disse:
Ainda falta cantar
o que eu já cantei
a vida longa e inteira
e pelo rio da vida afora.
E ainda falta inventar
o que eu, menino-passarinho,
ainda não poetei até agora.



o urutau

No alto da árvore
no oco de um pau
canta a noite inteira
quem se calava todo o dia.
E a noite inteira silencia
e no silêncio que a noite cria
tudo escuta o canto do Urutau.

no alto do galho

No alto do galho
lá do alto
do mais alto galho
da Mangueira
a Garça, a Gaivota
e o Papagaio
conversavam
uma manhã e meia, inteira
sobre tudo e coisa alguma.
E o gaiato dessa cena
tão gozada
era que tudo o que
dizia a Garça
a gaivota soletrava
com as palavras ao contrário
e de novo o Papagaio
repetia uma a uma

Passarinhada

O que o sanhaço
sonhava
o sabiá já sabia.
E o bem-te-vi
vigiava
o que o curió
conhecia.
A saracura
soletrava
o que o noitibó
aprendia.
E o fogo-apagou
apagava
o que a coruja
escrevia.

pequenos poemas de três e quatro linhas

um

Venta sobre o lago.
E o que era sono
é um pequeno sonho vago.

dois

Pia o pintassilgo,
e a selva
toda silenciosa.

três

O andar da aranha
ao passar
arranha a teia?

quatro

Chove a chuva de janeiro.
O rio cristalino
avermelha suas águas.

cinco

Viaja no vento
o seu voar.
Uma gaivota flutua pelo ar.

seis

De onde veio o vento
que ventou agora
e foi embora?

sete

A ema voa ao vento
e viaja o vento
no voar da ema.

oito

Quando escurece
a lua brilha em teu rosto
e anoitece.

nove

Um leve sopro
no capim-gordura.
Maio chegou!

dez

Vinda do sul
canta na Araucária
a Gralha Azul.

onze

Livre
é a gota d'água
quando cai.

O esquecido de mim

Esqueci
o que ontem
eu vivi.
E amanhã, talvez,
será que vou
esquecer de novo
o que eu vivo, agora,
outra vez?

Lembrar, esquecer

Quando não era dia
e nem a noite,
era essa hora
nem de noite
e nem de dia
em que a vida
só lembra
o que ela esquece
e só gosta de aprender
o que sabia.

Do tamanho do mundo

Caminhei
pisando folhas secas
pelos caminhos do mundo.
Caminhei
esquecido de saber
que cada folha
é um mundo.

O fim-do-mundo?

Miudinha,
aquela estrelinha
que quase não brilha
com uma luz de nada
dizia pra outras:
“Tudo é tão um
e o mundo é tão nós,
que se eu me apagar
o mundo se acaba”.

perguntas ao léu

O que nós somos?
Quem pensa o Ser
que sonha ser?
Somos quem somos
ou são os outros
quem dizem: “nós”?

Somos areia
que ao vento vai.
E cabe ao vento
dizer quem somos?
Somos quem fomos?
E houve um ontem?
E fomos quem?
E quando somos?
E se nem somos
quem foi alguém,
quem fomos nós?
E quando? E como?
E agora enfim
somos quem fomos
ou somos ninguém?

vindo, de onde?

Lá de onde um dia eu vim
já não era então lugar algum.
Se era, como é que fora
um não-lugar sem começo
e sem meio e nem sem fim.
De onde eu vim não há nada
e nem o nada há lá, enfim.

Mas até lá eu fui, e indo
eu vim do que não existe?
E já que eu cheguei aqui
(mas será que o aqui existe?)
eu paro e pergunto assim:
de onde eu venho se eu não fui?
E quem sou eu que vim de lá
e cheguei sem saber de onde
e sem lembrar nada de mim?

Caminho?

Eu caminhava um caminho
que ia ao lado de um rio,
E quando foi de repente
virei uma curva, duas...
e vi que o caminho sumiu
porque o rio que havia ao lado
todo o caminho engoliu.

Parei e olhei quatro vezes
e quando vi o que via
vi que o rio se terminava,
vi que o rio se consumiu.

E em cima do leito seco
ao lado de onde eu andei
havia um eu que pensava:
havia mesmo um caminho?
havia ao seu lado um rio?
Ou será que nada havia?
O rio que era, era um sonho,
o caminho nunca houve
e nem quem andava existiu?

um índio... lá

Sozinho na mata
na noite sem lua
no escuro da noite
o índio menino
espia uma estrela,
e pra ela caminha
e caminha sem medo
e caminha “na sua”,
como quem pela selva
sabe bem o caminho,
pois ele sabe que a estrela
lá do céu é o seu rumo.
E andando ele pensa,
e ele pensa surpreso:
“ah, estrela do céu
tão longe daqui,
mas a minha aldeia
na Terra... é ali!”

quando o silêncio canta

Repousando o ouvido
No chão do silêncio
Em silêncio escuto
O cantar do silêncio.

E o que silencia.
E o que eu silencio
É o dizer do nada
Que o silêncio ouvia.

Só a fala afoga
O cantar do silêncio
E quando nada se ouve
(ou se ouve o nada)
Se escuta toada
Que o silêncio canta.
Que em silêncio, cria.

despedida

Cheguei escrevendo
como quem sente,
como quem pensa
como quem conta.
E fui sentindo.
E fui pensando.
Fui escrevendo.
E fui contando
o que pensei
e o que eu senti.

Mas como as aves
que você viu
voando aqui.
Voando... voando,
também eu, amigo,
queria ir embora
daqui... voando.

*Terminado de ser revisitado, revisto e reescrito
na Rosa dos Ventos, na tarde-noite de 2 de novembro
do ano de 2017*



escritos
da
rosa dos ventos



*Este conjunto de poemas soltos
pensados um dia e escritos como um livro
para jovens e crianças
nunca foi publicado.*

*Como todos os outros desta
e de outras sequências de escritos meus,
ele pode ser livre, solidária e gratuitamente acessado
para se lido ou utilizado de outras maneiras.
Quase tudo o que escrevi ao longo da vida
pode ser encontrado em*

*www.apartilhadavida.com.br
www.sitiodarosadosventos.com.br*

LIVRO LIVRE